

# A GUERRILHA NO BRASIL

Rudney Quirino QUARESMA<sup>1</sup>

Prof. MSc. Rafael Henrique ANTUNES

## RESUMO

*A presente pesquisa tem como objetivo compreender os propósitos da guerrilha no Brasil durante o governo militar. Para que se chegasse a tal compreensão, procurou-se entender brevemente o surgimento e o fechamento do Regime; em seguida, buscou-se compreender o processo que leva ao surgimento da guerrilha no Brasil e entender as estratégias destes grupos armados. O trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, onde se analisou as obras de conceituados autores, como Boris Fausto, Jacob Gorender e Élio Gaspari. As análises demonstraram que os objetivos da guerrilha eram a derrubada do governo militar e a implementação do socialismo, porém, essa implementação deveria ser gradual, respeitando as etapas necessárias da revolução, para que se alcançasse a conscientização das massas.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Brasil; Ditadura Militar; Luta Armada; Guerrilha.*

### 1. Introdução

É o século XX, nesse grande século de acontecimentos: o mundo já passou por duas Guerras Mundiais, pelo nazismo, fascismo e caminha agora para as guerras ideológicas. Não por acaso Eric Hobsbawn o denominou de “A Era dos Extremos”. Os discursos são pela liberdade e pela democracia, mas pode-se ver um presidente eleito pelo povo sendo derrubado através de um golpe militar, a princípio sem nenhuma resistência, tendo o apoio de uma pequena parcela da população e da mídia. Isso era possível devido ao cenário global daquele momento que, por causa da Guerra Fria, acabou por dividir o mundo entre capitalistas e comunistas, ou seja, dividiu a política em dois pólos: esquerda e direita.

---

<sup>1</sup> Graduando em História – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP- Brasil.

Para justificar a tomada do poder, os golpistas brasileiros usaram a propaganda através da mídia (IPES) para alarmar a população sobre a intenção da implantação do regime comunista no Brasil, fazendo com que aquele regime se tornasse um grande e terrível mal a ser combatido. Usando este discurso, os golpistas manipularam a população e usaram o então presidente da República, João Goulart, o ligando ao comunismo internacional, sobretudo por causa de uma viagem realizada pelo mesmo à China Maoísta e devido à mudança no plano de governo que não agradou as elites burguesas brasileiras. Neste sentido, se destacam as críticas às políticas sociais, que pretendiam a reformas de base, a reforma agrária, por exemplo, e sua aproximação com a esquerda, que devido a esses acontecimentos se articulou à sua derrubada.

“[...] O anticomunismo, embriagante beberagem que serviu, aqui, para sucessivos atentados à democracia e obstáculo para deter e infamar qualquer tentativa de avanço e de mudança, seria manipulado com eficiência e pertinácia incontestáveis.” (SODRÉ, 1998, p. 99).

Quando os militares executaram o golpe de estado juntamente com o apoio de uma parte da população e da mídia, não houve grande resistência por parte do governo. Alguns analistas dizem que foi covardia, outros dizem que o então presidente da República evitou um derramamento de sangue. Bandeira (2010, p. 346) afirma que: “[...] Goulart compreendeu que qualquer resistência poderia representar um gesto heroico, mas não passaria de uma aventura, resultando inútil o derramamento de sangue”.

Com o governo militar, inicia-se então uma série de restrições, ameaças e torturas a quem não fosse a favor dos mesmos, não sendo permitido qualquer movimento de objeção ao governo e, quando o tinha, era combatido com rigor depois do AI-5 de 1968.

As esquerdas no Brasil, que eram muitas, desde o pós-guerra, caminhavam mais pelo lado filosófico humanitário – principalmente o PCB, Partido Comunista Brasileiro –, tendo como armas o processo de politização das massas. Com o estabelecimento do regime militar, se inicia a perseguição dessas esquerdas, que por não esperarem o golpe, se viam despreparadas. Devido às repressões, se iniciaria a luta armada no Brasil a fim de se combater o regime militar, já que esta era a única forma encontrada de resistir às imposições que sofriam.

Este desbarato momentâneo não destruiu a esquerda. O corpo de ativistas não teve senão perda parcial. Algumas centenas de políticos, sindicalistas e professores tomaram o caminho de exílio. Em uns tantos casos, sem motivação que não a do pânico. Uma parte dos militantes cessou a atuação política, ao menos momentaneamente. Mas a maioria se pôs à procura de rearticulação na clandestinidade. O anseio pela desforra se tornou o sentimento mais acirrado. (GORENDER, 2011, p. 77).

Grande parte destes revolucionários ou guerrilheiros foi treinada e incentivada financeiramente pela União Soviética, tendo por projeto a utilização do molde revolucionário cubano em solo brasileiro. Assim, se buscou compreender quais eram as reais intenções da luta armada no Brasil. Será que a intenção era implantar no Brasil uma ditadura do proletariado? Ou era devolver no povo a condição de eleger através do voto seus governantes? Estas perguntas foram guias para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para se chegar à resposta de tais perguntas, se fez uso da pesquisa bibliográfica, realizando a análise das obras de diversos autores, como Fausto, Gorender e Gaspari, buscando através desta, entender o surgimento e o fechamento do regime militar; o processo que levou a luta armada; analisar suas estratégias de guerrilha e também as estratégias utilizadas para com a população, já que necessitavam do apoio popular para ter êxito em seus empreendimentos.

## **2. O Regime Militar no Brasil**

Para a compreensão do tema estudado, foi necessário entender brevemente o surgimento e fechamento político do regime militar no Brasil. Existem razões de ordem econômicas e razões de ordem política que estão entrelaçadas e explicam o movimento militar de 1964.

Sob o ponto de vista econômico, é necessário destacar a alta inflação que ocorria naquele período, chegando a quase 100% anuais. Também há outros fatores econômicos, como o descontrole das contas do governo. Já sob o ponto de vista político, a bibliografia deixa claro que diversos setores da sociedade eram contra o governo de João Goulart, visto como populista e que, para muitos, estaria transformando o Brasil em mais uma república socialista. Assim:

A posse de João Goulart na presidência significava a volta de um governo populista, em um contexto de mobilizações e pressões sociais muito maiores do que no período Vargas. Os ideólogos do governo e os dirigentes sindicais trataram de fortalecer o esquema. Ele deveria assentar-se na colaboração entre o Estado, onde se incluíam os oficiais nacionalistas das Forças Armadas e os intelectuais formuladores da política do governo, a classe operaria organizada e a burguesia industrial nacional. (FAUSTO, 2015, p.447)

Nos fins de março e primeiro de abril de 1964, iniciava-se o primeiro regime militar no Brasil que iria durar até o começo dos anos de 1980.

Os governos militares promoveram uma série de mudanças no país, porém, sem se utilizar o Congresso. Para isso, criaram o dispositivo que seria o mais famoso dos governos militares: os Atos Institucionais. Estes atos estabeleceram diversas mudanças, como suspensão dos direitos do cidadão que fosse considerado subversivo, eliminação de partidos e eleições, dentre outras. No total, os militares criaram 17 Atos Institucionais.

O ano de 1968 resultou em uma série de movimentos da classe média contrários ao regime militar, esta mobilização que caracterizou esse ano deixou claro para os militares que era preciso usar de poderes excepcionais no combate à subversão. Com isso baixou-se o Ato Institucional AI-5, que foi a expressão mais extrema do período militar e que vigorou até 1978.

Costa e Silva resumiu a opinião militar em seu primeiro discurso público depois da edição do AI-5, quando perguntou: "Quantas vezes teremos que reiterar e demonstrar que a Revolução é irreversível?" Nos seis meses seguintes o governo promulgou uma série de atos institucionais, atos suplementares e decretos, todos visando a aumentar o controle executivo e militar sobre o governo e os cidadãos. (SKIDMORE, 1988, p.121)

O propósito de promover uma abertura ou distensão política no Brasil surgirá durante o governo do general Ernesto Geisel, quarto dos militares a exercer o poder político, e seria definida por ele como lenta, gradual e segura.

O último presidente militar foi o general João Baptista Figueiredo, essa sucessão do Geisel para o Figueiredo representou uma exceção, pois Geisel conseguiu fazer seu sucessor. Dos aspectos importantes, é preciso lembrar que foi no governo Figueiredo que ocorreu o surgimento dos partidos que, em linhas gerais, são os partidos que se conhece até hoje. Apesar da abertura controlada, ações mais radicais ainda foram vistas nos dois últimos governos militares, como a morte do jornalista Vladimir Herzog em 1975 e a do operário Manuel Fiel Filho em 1976, ambos nas dependências do DOI-CODI. Assim, como explicita Boris Fausto:

O governo Geisel se associa ao início da abertura política que o general presidente definiu como lenta, gradual e segura. Na prática a liberalização do regime, chamada a princípio de distensão, seguiu um caminho difícil, cheio de pequenos avanços e recuos. (FAUSTO, 2015, p.489)

Um dos movimentos sociopolíticos mais importantes dos anos de 1980, durante o processo da abertura política, foi o movimento de 1984 que ficou conhecido como "diretas já", ou seja, era um movimento por eleições diretas para a presidência da República. O movimento foi extremamente importante como mobilização, mas resultou em uma grande decepção, pois no congresso a eleição direta passou, mas não teve os votos suficientes para ser aprovada.

A eleição de Tancredo Neves pelo colégio eleitoral simbolizou o fim do regime autoritário e despertaria grandes esperanças no povo brasileiro. Porém, inesperadamente, Tancredo não chegou a tomar posse, dado o rápido adoecimento e falecimento; com isso o vice-presente José Sarney, político associado aos governos militares, assumiu o poder no início dos tempos democráticos.

Sodré define o Regime Militar em três principais períodos:

O inicial, entre 1964 e 1968, quando foi baixado o AI-5; o médio, de 1968 a 1979, quando definiu as suas linhas e aprofundou os seus efeitos; e o final, após o início do que se batizou de “distensão”, quando, exaurido em suas possibilidades, iniciou as tratativas para sua liquidação. (SODRÉ, 1998, p. 93)

O golpe, considerado como ato cirúrgico necessário para a manutenção da democracia, acabou por se revelar o pior inimigo da mesma, pois, após o ato, os militares se institucionalizaram no poder, aprofundando as características retrogradadas que revestiam o regime na vida política brasileira. Assim, após compreender o surgimento e os rumos do regime militar no país, cabe compreender um dos momentos mais intensos deste, o surgimento da luta armada.

### **3. Surgimento da Guerrilha no Brasil**

A ideia de uma luta armada independia do golpe militar, pois sempre esteve em pauta nos discursos dos vários grupos da esquerda, sendo mesmo motivo para cisão entre eles, como no caso do PCB, que ao defender a luta pacífica, ideológica apenas, leva ao surgimento do PC do B e de muitos outros agrupamentos favoráveis a luta armada, como a ALN (Aliança de Libertação Nacional) formada por Carlos Marighella<sup>2</sup>, a AP (Ação Popular) formada pela militância católica das universidades, a MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) com forte participação dos militares de esquerda.

Assim, como demonstra Gaspari, os problemas da esquerda naquele tempo iam além da tomada do poder, já que: “A esquerda brasileira estava irremediavelmente dividida e, pela primeira vez em sua história, mudada.” (GASPARI, 2014, p. 250).

---

<sup>2</sup> Uma das principais figuras atuante do PCB.

O cenário era propício ao surgimento da luta armada, além de que, os movimentos de guerrilha explodiam pela América Latina, tendo como exemplos a Colômbia, Venezuela, Peru, Guatemala, Bolívia e principalmente a Revolução Cubana (que tinha como referencial teórico oficial o foquismo<sup>3</sup>), sendo esta última, uma das maiores influências para os futuros guerrilheiros brasileiros.

O sucesso da teoria do foco na Revolução Cubana acabou por influenciar os movimentos da esquerda brasileira. Essa teoria consistia na afirmação de condições objetivas para os movimentos revolucionários em todos os países da América Latina, ou seja, se os países se encontravam no sistema econômico capitalista, já se encontravam prontos para a revolução, para o socialismo. Outro ponto importante para a teoria eram as condições subjetivas, ou seja, o nível de consciência da massa trabalhadora.

Se já existiam as condições objetivas, também eram necessárias as condições subjetivas, conforme ensina o marxismo. Ou seja, a vontade de fazer a revolução por parte das forças sociais por ela beneficiadas. Aqui entrava a grande descoberta: as condições subjetivas podiam ser criadas ou rapidamente completadas pela ação de um foco guerrilheiro. Este funcionava como o pequeno motor acionador do grande motor – as massas. (GORENDER, 2011, p.88)

Os discursos para uma luta armada ganham corpo e entram nas discussões da oposição ao regime militar, que, após o choque inicial com o golpe não esperado, entram em ação novamente, a procura de se reorganizarem e combaterem a ditadura militar, que era vista como uma contrarrevolução.

A decisão para uma possível luta armada ficou firmada na resolução da Conferência Estadual dos comunistas de São Paulo, em abril de 1967, ao que Gorender relata:

O Comitê Central enviou uma delegação chefiada pelo próprio Prestes. Indicação de quanto estava desgastado o carisma do ex-cavaleiro da esperança, 33 dos 37 delegados presentes rejeitaram as Teses do Comitê Central e aprovaram o informe contrário apresentado por Marighella. A Resolução final declarou que o caminho da revolução ia ser “(...) *uma luta longa, árdua, através de um contínuo preparo das massas e inevitavelmente armada*”. (GORENDER, 2011, p. 99)

---

<sup>3</sup> O foquismo era iniciado por um punhado de homens em alguma região onde as condições naturais colaborassem para a defesa contra ataques do exército, atuando juntamente com os camponeses daquela região. O próximo passo do foquismo era deixar a região inicial, levando a luta armada a outras regiões, ocasionando na derrota definitiva do inimigo.

O marco decisório para que se desencadeasse a guerrilha no Brasil se encontram no ano de 1968, que, como afirma Fausto (2015, p. 407), “não foi um ano qualquer”. A onda de manifestações de rua surge após a morte de Edson Luis de Lima Souto pela Polícia Militar, um estudante – não militante – que participava de um pequeno protesto contra a má qualidade da alimentação fornecida no restaurante do Calabouço no Rio de Janeiro, em 28 de março de 1968. Com o estalo proporcionado pela morte do jovem estudante, o movimento estudantil, após quatro anos de estagnação, ressurgiu novamente, tendo em seu meio diversos setores representativos da Igreja e da classe média, sem contar o enraizamento das organizações da oposição ao governo militar em seu meio.

Havia quatro anos a política brasileira estava torta, deformada pela ditadura e pelas consequentes pressões que eram exercidas à direita e à esquerda pelas dissidências do regime e da oposição. A partir da morte de Edson Luis, a contrariedade foi a rua. Isso ocorreria de qualquer maneira, naquele ou noutro dia, com cadáver ou sem ele. O país sangrava em virtude das punições de 1964 e das mutilações eleitorais de 1965. As cassações desmoralizaram a representação política, e a supressão das eleições diretas cortara o caminho para o exercício da cidadania. (GASPARI, 2014, p. 276)

As mobilizações a partir deste fato se espalharam pelo Brasil, sendo intensificadas pelas novas violências cometidas pela repressão. Em junho de 1968 tem-se a passeata dos 100 mil, em prol da redemocratização do país. No mês seguinte, ocorrem as greves dos operários, a de Contagem, que contou com a participação de 15 mil operários e a de Osasco, onde a greve foi utilizada como forma de luta contra o governo, tendo a co-participação de trabalhadores e estudantes. Não há como deixar de salientar que as greves tiveram organização e orientação dos vários grupos da esquerda, que levaram suas ramificações aos sindicatos, mantendo assim, suas ações fora das vistas dos militares. Além disso, é importante ressaltar que o ano de 1968 também marca uma série de movimentos pacifistas e libertários no mundo todo, com destaque para os protestos de estudantes em Paris e no leste europeu.

Aproveitando-se das ondas de movimentações, a esquerda se lança de vez na clandestinidade, iniciando em 1968 suas primeiras ações para combate armado contra a repressão militar. A contrarrevolução também se rearticula e, em dezembro de 1968, a ditadura militar se fecha completamente com o AI-5, onde se tem a completa imersão de várias organizações da esquerda na luta armada, iniciando-se os anos mais sombrios da história subsequente brasileira.

Ao iniciar-se o ano de 1969, a ALN e a VPR concluíram que o comprometimento prático com a luta armada se confirmou acertado diante do fechamento completo da ditadura militar. O capítulo das lutas de massas estava encerrado. Nas trevas da

clandestinidade, não havia resposta possível que não a do combate pelas armas. As vanguardas revolucionárias não podiam ser partidos políticos com *braços armados*, mas organizações de corpo inteiro militarizadas e voltadas para tarefas da luta armada. (GORENDER, 2011, p. 167)

O peso que o golpe militar tem então para a guerrilha no Brasil, é o de estopim para que se iniciassem as lutas armadas, pois se assumiu a ideia de que só a luta armada conseguiria por fim ao regime ditatorial militar.

#### 4. As estratégias das Guerrilhas

Em 1968 iniciaram-se as primeiras ações dos grupos de luta armada. Essas ações podem ser refletidas nos processos de expropriações, que nada mais eram do que assaltos para reunir fundos, como o assalto ao trem pagador, realizado pela ANL. Também nessa época se iniciavam os atentados, como por exemplo, a bomba colocada no Consulado americano em São Paulo.

“Àquela época foi que as operações de guerrilha urbana – assaltos a bancos, atentados etc. – começaram no Brasil, desencadeados por várias organizações de esquerda, [...] e se intensificaram nos anos seguintes.” (BANDEIRA, 2010, p.382)

Com o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick no Rio de Janeiro em 1969 – ação realizada pela ANL e pelo MR-8 – o Brasil foi conscientizado da dimensão do movimento guerrilheiro e de suas surpreendentes estratégias. Para as forças armadas, que assumiram o poder em um golpe de Estado de 1964 e para o serviço de segurança pública do Brasil, esse evento também mostrou que a guerrilha era composta por jovens. As condições para o resgate eram, segundo Gorender: “Libertação de quinze prisioneiros políticos com transferência segura para o exterior e difusão de um manifesto nos jornais e estações de rádio e televisão de todo o país”. (GORENDER, 2011, p.181)

Em vista disso, cabe salientar que:

Por trás do sequestro, estava a Dissidência Universitária da Guanabara. Já na escalada das ações armadas, pensou realizar um ato de envergadura excepcional que respondesse ao anúncio do lançamento próximo da guerrilha rural pela ANL. Um ano antes, em agosto de 1968, o sequestro do embaixador norte-americano na Guatemala, John Gordon Mein, não teve desdobramento, porque o diplomata reagiu aos guerrilheiros e foi morto. (GORENDER, 2011, p.181)

O embaixador recuperou a liberdade após as exigências serem cumpridas. O movimento armado no Brasil, de certa forma, tencionou a ditadura militar, primeiro porque ele impôs uma série de revezas através do sequestro, o que a ditadura prendia o sequestro soltava. O movimento guerrilheiro também deu uma contribuição muito grande para que a imagem da ditadura militar fosse, de certa maneira, revelada.

Quando se fala em estratégias das guerrilhas, um grande nome surge, Carlos Marighella, que a partir de setembro de 1967, iniciou o envio de militantes para cursos de guerrilha em Cuba. Em 1968, um grupo da ANL inicia as buscas por locais estratégicos para a projeção das guerrilhas. Nas palavras de Gorender: “[...] elementos da primeira turma treinada em Cuba regressam ao Brasil e difundem o que aprenderam sobre o emprego de armas e explosivos e técnicas de combate”. (GORENDER, 2011, p.109)

Cabe evidenciar ainda, o pensamento de Marighella expresso em seu “manual do guerrilheiro” onde pode-se encontrar as estratégias que devem ser usadas e como um guerrilheiro deve se portar. Marighella especifica que, as ideias redigidas em seu manual “refletem as experiências pessoais de um grupo de pessoas engajadas na luta armada no Brasil”. (MARIGHELLA, 1969, p.58)

Os homens que estão melhor treinados, mais experientes, e dedicados à guerrilha urbana, constituem a base para a guerra revolucionária, e por tanto, da revolução brasileira. Desta base é que surge o núcleo do exército revolucionário de libertação nacional, levantando-se a guerra revolucionária. (MARIGHELLA, 1969, p.59)

Se direcionando para outro cenário, onde também existiu um movimento guerrilheiro de extrema importância, cabe salientar sobre a guerrilha do Araguaia, onde militantes do PC do B enfrentaram por aproximadamente três anos, as tropas do Exército Brasileiro.

“Em 1972 com a guerrilha urbana praticamente derrotada, os 69 militantes que estavam no Araguaia treinavam duro para tornarem-se guerrilheiros”. (CARVALHO, 2004, p.55)

À medida que as táticas do regime militar contra os militantes da oposição ao regime aumentaram na metade da década de 1960, muitos estudantes e esquerdistas deixaram a escola ou seus empregos para se juntar a pequenos movimentos de guerrilha que empregavam linguagens revolucionárias na tentativa de estimular um levante de massa que derrubasse o regime. Enquanto muitos desses grupos operavam em centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo, um pequeno grupo de dezenas em oposição ao regime militar convergiu para a bacia do Araguaia, do qual esperavam liderar uma revolta popular contra o regime.

Até hoje, 30 anos depois de a guerrilha ter sido derrotada, o Exército e as outras Forças Armadas que participaram das operações mantêm silêncio sobre sua atuação nos quase três anos em que durou o conflito. Não há sequer informações oficiais sobre o contingente empregado e o número de militares mortos. (CARVALHO, 2004, p.12)

Em última análise, após as palavras de Luiz Maklouf Carvalho, o regime capturou e assassinou pelo menos sessenta guerrilheiros, cujos corpos eles então enterraram em locais desconhecidos ou os descartaram. Além disso, vários moradores da região foram desaparecendo, deixando mais de sessenta pessoas mortas, com a localização dos seus vestígios desconhecidos até hoje.

O governo militar também tinha tropas espalhadas na região no início dos anos 1970, mas só em 1972, depois de ter combatido guerrilheiros urbanos e matar líderes como Carlos Marighella<sup>4</sup> e ex-membro militar e líder esquerdista Carlos Lamarca, que o regime voltou maior atenção aos esquerdistas no interior do Brasil em torno da bacia do rio Araguaia.

Se tratando das estratégias das guerrilhas, era de extrema importância selecionar os militantes e se ater aos locais mais estratégicos, é possível perceber isso nitidamente quando Carvalho diz o seguinte:

Segundo Wladimir Pomar, “o partido tinha diante de si a importante missão de selecionar militantes cujas atribuições seriam ‘especiais’, ‘militares’, que deveriam não só preparar-se tecnicamente, como estudar regiões que fossem favoráveis ao desenvolvimento da luta armada”. (CARVALHO, 2004, p.49)

Em última análise, percebe-se que, não se tinha noção da extensão dessa luta armada, que inclusive tentou usar o campo e posteriormente desencadeou uma movimentação urbana – baseadas no foquismo. Com isso, a repressão por parte do governo militar iniciou uma série de torturas. Então, a repressão ao movimento guerrilheiro nesse momento levou a formação de toda essa estrutura estratégica e pontos de guerrilhas espalhadas por diversas áreas, assim como a guerrilha do Araguaia.

---

<sup>4</sup> Na noite de 4 de novembro de 1969, Marighella foi surpreendido por uma emboscada na alameda Casa Branca, na capital paulista. Ele foi morto a tiros por agentes do DOPS- Departamento de Ordem Política e Social- em uma ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. A ALN continuou em atividade até o ano de 1974. Com cinco balas no corpo, Marighella teve morte rápida provocada por hemorragia interna.

A ditadura só conseguiu derrotar os guerrilheiros do PC do B no segundo semestre de 1974, quase três anos depois do início dos combates e de três campanhas militares diferentes. O comunicado oficial da vitória foi feito pelo presidente Ernesto Geisel, em mensagem ao congresso, a 15 de março de 1975. Na estimativa de Elio Gaspari, nas duas primeiras ofensivas – de abril de junho de 1974 e, posteriormente, por duas semanas de setembro – o Exército mobilizou, rotativamente, um contingente de 3.200 militares. “Foi o maior movimento de tropas do Exército, semelhante à mobilização da Força Expedicionária Brasileira”, disse o general Viena Moong, um dos comandantes da primeira fase. (CARVALHO, 2004, p.15)

## 5. Considerações finais

Ao analisar a bibliografia levantada, esclareceu-se brevemente o surgimento e o momento de maior fechamento do regime militar, ainda que ressaltando apenas brevemente os pontos mais importantes. Assim, é possível compreender os fatores que colaboraram para o surgimento das guerrilhas durante o regime militar.

Esclareceu-se que, o ano de 1968 significou um estopim para o surgimento de uma série de manifestações, pois foi após a morte de um estudante – que não fazia parte do movimento militante contra o regime – pela Polícia Militar, que ressurgiu o movimento estudantil com apoio da classe média e das organizações opositoras ao regime militar.

De forma concisa, foi possível mostrar as estratégias das guerrilhas, a partir de um movimento que se expandiu do campo para o cenário urbano. A estratégia mais comumente utilizada pelos guerrilheiros foi o sequestro, pois o que o regime militar prendia, o sequestro soltava a partir das exigências para a recuperação do sequestrado, ressaltando o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick no Rio de Janeiro em 1969 por membros da ANL e do MR-8. Ao mesmo tempo, surge a guerrilha do Araguaia que foi um movimento guerrilheiro de extrema importância.

As leituras também permitem compreender o pensamento de Marighella e como ele liderou os movimentos de guerrilha, tendo como base as formas expressas em Cuba; para que isso fosse possível, vários guerrilheiros foram enviados a Cuba, no intuito de obterem todo o treinamento e melhorarem suas estratégias. Tais ideias de Marighella estão presentes em seu “Mini manual do guerrilheiro” onde as experiências pessoais de pessoas engajadas na luta armada puderam ser identificadas.

Conclui-se, portanto, que com os ideias revolucionários propagados nos discursos da esquerda, os objetivos da guerrilha eram a derrubada do governo militar e a implementação do socialismo, porém, essa implementação deveria ser gradual, respeitando as etapas necessárias da revolução, para que se alcançasse a conscientização das massas. O cenário deveria ser propício para que o movimento revolucionário pudesse acontecer, e como já se foi dito, as condições objetivas já se encontravam presentes, era agora necessário se buscar as condições subjetivas, que acabaram sendo deixadas de lado, pois em sua grande maioria, os movimentos guerrilheiros não conseguiram atingir a massa, acabando por se tornarem movimentos isolados da população. Assim, as eleições voltariam a acontecer e a esquerda buscava eleger o maior número de pessoas que pudessem, para que através do trabalho com o povo, criar um estado revolucionário.

## 6. Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil, 1961/1964.** 8 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. **O Coronel Rompe o Silêncio: Lício Augusto Ribeiro, que matou e levou tiros na caçada aos guerrilheiros do Araguaia, conta sua história,** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 14 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada.** 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas.** São Paulo: Editora Ática, 2011.
- MARIGHELLA, Carlos. **Mini Manual do Guerrilheiro Urbano. Sabotagem: 1969.** 2 ed.
- SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo e Tancredo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Tudo é política.** In: ALVES FILHO, Ivan (Org.). Rio de Janeiro: Mauad, 1998.